

As Cinco lições enquanto ferramenta de divulgação da psicanálise e testamento da primazia do leigo sobre o médico¹

*The Five Lessons as a tool for the dissemination of psychoanalysis and a testament to the
primacy of laypeople over physicians*

Marcus Vinícius Branco de Assis Vaz²

Resumo: Este trabalho vem destrinchar a palestra intitulada *Cinco lições de psicanálise* e defini-la como instrumento propagandístico utilizado por Freud para disseminar suas teorias para além da esfera médica e torná-la convidativa a outros grupos. Analisa-se os principais recursos retóricos por ele empregados para atingir tal objetivo, bem como dá-se destaque a passagens empregadas para distanciar a psicanálise da medicina. Por fim, o presente também enfatiza a centralidade do leigo não médico como destinatário da tese difundida por Freud e a quem ele confia o exercício da psicanálise.

Palavras-chave: Cinco lições, leigo, difusão, Freud, retórica.

Abstract: This article thoroughly analyzes the lecture entitled *Five Lectures on Psycho-Analysis* and defines it as a propagandistic instrument used by Freud to disseminate his theories beyond the medical segment and to make it inviting to other groups. The main rhetorical resources used by the speaker to achieve this goal are analyzed, and a special focus is given to the passages used to distance psychoanalysis from medicine. Finally, this article also emphasizes the leading role of laypeople who are not physicians as the recipient of the knowledge disseminated by Freud and to whom he entrusts the exercise of psychoanalysis.

Keywords: Five lessons, laypeople, dissemination, Freud, rhetoric.

O objetivo principal deste trabalho é refletir, no tocante ao escrito *Cinco lições de psicanálise* (1910), acerca do seu uso como instrumento de publicidade e de disseminação da psicanálise enquanto novo saber e também do papel do leigo enquanto ser essencial para a sedimentação e transmissão do saber psicanalítico no final do século XIX, quando Sigmund Freud tentava estabelecer a psicanálise como uma área do conhecimento propriamente dita, afim porém distinta da medicina.

Em uma carta dirigida a Oskar Pfister, Freud expressa a convicção de que a psicanálise não deve estar circunscrita dentro de um quadro referencial médico; ali, ele defende que indivíduos leigos treinados em psicanálise sejam autorizados a praticá-la e a tratar pacientes. Nesta epístola, ele declara que quer “confiá-la [a psicanálise] a uma profissão

¹ Trabalho apresentado em Jornada de Estudos do Círculo Psicanalítico do RS em 10 de julho de 2021.

² Marcus Vinícius Branco é formado em Comunicação Social pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e em Letras (Inglês-Literaturas) pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), além de ter obtido uma Pós-Graduação *Lato Sensu* em Política e Relações Internacionais da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP). Trabalha como tradutor dos idiomas inglês, francês e espanhol e é aluno do Curso de Formação Psicanalítica do Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul (CPRS).

que ainda não existe, uma profissão de pastores seculares de almas, que não têm por que ser médicos e não devem ser sacerdotes” (BETTELHEIM, 1984, p. 50).

Porém, segundo Bruno Bettelheim, em *Freud e a alma humana*, “a psicanálise foi percebida nos Estados Unidos e em outros países como uma prática que deveria ser prerrogativa exclusiva de médicos, em vez de ser aceita pelo que ela é no mais profundo e mais importante sentido: um apelo em favor de maior humanidade e uma forma de realizá-la” (1984, p. 48). Ele diz ainda, no pós-escrito para *A Questão da Análise Leiga*, que Freud sentenciara que a psicanálise não se tratava de uma especialidade médica e expressava sua incredulidade diante de resistências a tal fato.

Além disso, neste mesmo livro, Bettelheim afirma que surgira um boato nos últimos meses de vida Freud segundo o qual ele havia mudado de ideia e adotado a ideia de que a prática psicanalítica deveria ser executada exclusivamente por médicos. Segundo o autor, “em resposta a um pedido de esclarecimento sobre o assunto, Freud escreveu (em inglês): Não consigo imaginar como se originaria esse boato idiota de que mudei de opinião sobre a questão da análise leiga. O fato é que jamais repudiei meus pontos de vista a esse respeito e insisto neles ainda mais intensamente do que antes, em face da óbvia tendência americana para converter a psicanálise em mera faxineira da psiquiatria” (BETTELHEIM, 1984, p. 50).

Por conseguinte, o leigo assume um papel principal na separação e diferenciação entre a psicanálise e a medicina; sem essa participação e admissão de leigos no saber psicanalítico, este campo nada mais seria que um mero ramo pouco significativo da psiquiatria. E desde o início de suas formulações, Freud se preocupa em definir a psicanálise como uma área própria, que se alimenta tanto da medicina, mas também da psicologia, filosofia, literatura, artes e outros domínios do conhecimento.

Esse homem leigo ganha maior destaque nas palestras e apresentações elaboradas por Freud, nas quais ele – através de recursos retóricos engenhosos que trataremos adiante – declaradamente incentiva (e até mesmo recomenda, em algumas instâncias) um olhar não médico à psicanálise, indicando que o campo psicanalítico extrapola em muito as esferas físicas e fisiológicas da medicina. Trabalharemos principalmente com as *Cinco lições de psicanálise*, onde fica claramente demonstrada a centralidade e o papel do indivíduo leigo enquanto público alvo e detentor primaz da psicanálise enquanto saber e prática. Embora o termo “leigo(s)” seja usado apenas esporadicamente no referido texto, demonstraremos como nele é possível identificar e precisar como Freud enxerga o leigo e o coloca em posição de destaque enquanto destinatário e agente da mensagem por ele disseminada nas lições.

Antes disso, convém estabelecer a intenção de Freud em ministrar a palestra e em que estágio a psicanálise se encontrava em sua jornada evolutiva enquanto campo do saber. Em artigo intitulado *Leitura de Freud: um estilo de transmissão* (2012), Cecilia Maria de Brito Orsini, membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP), define as *Cinco lições de psicanálise* como “material de difusão da disciplina recém-criada”; já Durval Marcondes, em seu *Prefácio para as cinco lições de psicanálise* (1990), explica que “elas [as palestras] constituem a primeira exposição sistemática que Freud fez de sua teoria e, embora não envolvam as aquisições mais recentes da psicanálise, são, a meu ver, a leitura mais apropriada para quem aborda pela primeira vez a obra do mestre” (p. 6).

Consequentemente, é possível determinar que, na ocasião das palestras ocorridas na Clark University (Estados Unidos), as ideias psicanalíticas não desfrutavam do mesmo peso que hoje possuem e as novas descobertas do campo não eram bem vistas e recebidas nos círculos científicos da época; Freud, dessa forma, visava construir uma mensagem que funcionasse como um cartão de visitas, auxiliando na disseminação desta nova ciência, e como uma propaganda contumaz de suas teorias.

Além disso, segundo o próprio Freud em *Cinco lições de psicanálise*, a maioria dos ouvintes não pertencia à área médica, o que lhe dava certa satisfação, frisando que não era necessário ter estudado medicina para estar ali e assistir às lições. Ele também afirma que “na maioria dos casos, a arte médica é impotente ante as sérias enfermidades do cérebro; mas também diante da afecção histérica o médico nada pode fazer” (p. 169).

Freud fez questão de afastar a práxis psicanalítica da medicina, assim aumentando o escopo de seu discurso; ao estabelecer tal distanciamento, ele logrou desvincular a sua psicanálise da medicina – explicando que sua ciência chegava para tratar questões das quais os médicos não conseguem plenamente dar conta – ao mesmo tempo que recebe abertamente profissionais de outras áreas e os convida a se aproximar da psicanálise, o que, em suma, enriquece e aprofunda ainda mais o conhecimento da psique humana.

Nestas cinco lições, Freud faz uso de diversos recursos retóricos que fazem alusão a tais intenções e objetivos, além de acentuar o papel do não médico no desenvolvimento e na própria sobrevivência da psicanálise como ele a imaginara.

Uma das grandes ferramentas de discurso por ele empregadas é o uso da primeira pessoa do plural (nós, nosso, nossas, nos etc.) e sua onipresença. Considerando o contexto e a intenção de Freud ao ministrar tais conferências, pode-se determinar que o uso de tal pessoa gramatical indica uma característica convidativa, inclusiva e universalizante de suas palavras,

colocando a psicanálise em uma posição de livre trânsito, sem amarras de tipo teórico ou elementos excludentes que priorizassem ou alijassem uma determinada área do conhecimento. Ele emprega termos como “nosso conhecimento”, “nosso esforço terapêutico” e “nossa técnica”; ou seja, nessas lições Freud evidencia que a psicanálise pode pertencer a todos nós, sem uma estrutura hierarquizante ou que fosse subjugada a uma única prática em detrimento de outras.

Esse discurso de aproximação e inclusão também pode ser identificado em outras escolhas feitas por Freud para ilustrar situações por ele expostas. Por exemplo, ao contar um chiste (sobre dois negociantes) ou ao narrar uma anedota (sobre o cavalo de Schilda), Freud traz, nas *Cinco lições*, uma leveza ao tema e aproxima todos de seu discurso e suas ideias, afastando-se de um discurso hermeticamente fechado e teórico como o médico; após compartilhar o chiste, ele vê que “todos riem dessa boa piada” (p. 189), o que evidencia o tom da palestra e como Freud busca a aproximação e a boa comunicação com os ouvintes, trazendo-os mais para perto de seu universo e de suas teorias e propostas para a psicanálise.

Com relação à história acerca do cavalo de Schilda, Freud a usa para ilustrar uma advertência bastante importante por ele feita acerca da sublimação; ele admite que essa ressalva pode ser vista como presunçosa e então faz uso de tal anedota para que ele possa esboçar sua convicção de modo mais direto. Mais uma vez, Freud faz uso de um recurso linguístico (a narração/anedota) para desfazer uma impressão de distanciamento, frieza ou presunção, transformando sua advertência em uma leve história; em mais um exemplo, Freud escolhe ferramentas que aproximam os ouvintes de suas ideias de maneira popular e corriqueira, em vez de empregar uma linguagem que preza pela impessoalidade e por uma dita objetividade, como a linguagem médica.

Ambos os recursos são indicadores de como Freud prefere estabelecer diálogos e preparar discursos que estejam alinhados a um público leigo, não médico. Tais escolhas refletem uma intenção que, embora não dita em termos óbvios, se mostra clara dado o momento em que a psicanálise se encontrava e o intuito de Freud de colocar a psicanálise em um terreno para além da medicina e fundá-la enquanto um método próprio de pesquisa e cura de afecções.

Outros fenômenos comuns e corriqueiros destacados por Freud em suas lições são os chistes, atos falhos e sonhos. Na terceira lição, ele afirma que os sonhos são tratados com desdém e rejeição dado seu “caráter estranho” e sua “evidente absurdidade e falta de sentido” (p. 192). Porém, ele reconhece que tal desprezo é algo recente, não visto na Antiguidade, e

algo característico de círculos ditos ‘eruditos’, visto que as os estratos mais baixos do povo não têm dúvidas acerca de seu valor.

Todos sonhamos e vemos os sonhos como não interpretáveis, abstrusos e bizarros; ao propor uma interpretação para os sonhos e trazê-los para o centro deste novo campo do saber que ele tentava naquele momento estabelecer e consolidar, Freud diferencia e singulariza ainda mais suas propostas, corroborando a importância de assuntos relativos aos quais os médicos possuem um olhar totalmente leigo, ao mesmo tempo em que se afasta mais da medicina e se aproxima de áreas como literatura, filosofia e metafísica.

A importância dos sonhos é tamanha para os alicerces da psicanálise que Freud chega a afirmar que, quando lhe perguntam como alguém pode se tornar psicanalista, ele responde: “pelo estudo de seus próprios sonhos” (p. 191). De maneira cabal e inequívoca, Freud mais uma vez estabelece que os objetos aos quais se dedica a psicanálise se opõem aos da medicina e reforça o caráter leigo e não médico de sua área de saber. Além disso, sua exposição sobre os sonhos, repleta de detalhes e sempre reforçando seu caráter universal (afinal, todos sonhamos), Freud se mostra novamente um grande orador e fazendo com que os ouvintes fiquem mais próximos do conteúdo exposto, obtendo êxito na divulgação e na propagação de suas ideias a um público cuja atenção ele logra reter.

A exposição dessas cinco lições evidencia, indubitavelmente, a tarefa que Freud se propõe a realizar – sedimentar a psicanálise como um campo de conhecimento próprio e independente da medicina; se a psicanálise desejasse se colar à medicina, ela estaria fadada ao fracasso, pois a psicanálise se ocupa justamente do que a medicina não dá conta. Ao falar sobre histeria, ele deixa claro tal distinção e como a medicina não está apta a tratar de doenças psíquicas; admite que o médico estudou muito sobre diversos assuntos ignorados por leigos, “mas todo o seu saber, todo o seu treino anatomofisiológico e patológico de nada lhe servem ante as singularidades dos fenômenos histéricos. Não consegue entender a histeria [...]. E isso não agrada a quem costuma ter em alta conta o próprio saber. Os histéricos são privados da simpatia do médico, portanto. Ele os vê como pessoas que infringem as leis de sua ciência, tal como os fiéis veem os heréticos” (FREUD, 2013, P. 169).

CONCLUSÃO

Portanto, é possível afirmar que as *Cinco lições de psicanálise* (1910) têm como principal objetivo atuar como primeira apresentação da psicanálise. Em seu *Dicionário de psicanálise*, Roudinesco (1998) assevera que “essa conferência ilustra, de maneira talvez

ainda mais evidente do que as outras, o talento pedagógico de Freud” e que “esse momento marcou o fim de seu isolamento” (p. 115), o que também só confirma o poder retórico de Freud e sua intenção de divulgar e expandir o alcance de sua nova ciência, tornando-a não parte de um “nicho” médico, mas um saber próprio.

Além disso, sua importância para a divulgação deste campo do conhecimento foi reconhecida pelo próprio Freud: na nota do editor inglês para as *Cinco lições* (1990), James Strachey diz que “conforme declarou o próprio Freud na ocasião, [isso] foi o primeiro reconhecimento oficial da novel ciência” e que “isso lhe pareceu a concretização de um incrível devaneio” (p. 5). Strachey afirma ainda (1990) que “durante toda sua carreira Freud sempre estava pronto a apresentar exposições de suas descobertas” e que tais conferências fornecem “uma excelente ideia da facilidade e clareza de estilo e do irrestrito sentido de forma que tornou Freud um conferencista tão notável quanto à exposição” (p. 5). Dessa forma, ficam inegáveis a importância destas palestras e as qualidades de Freud enquanto orador e mesmo divulgador da psicanálise.

Ainda, tais conferências demonstram claramente que as falas de Freud não estão direcionadas apenas a médicos. Seu discurso é em sua integralidade pautado pelas convicções de que a psicanálise é algo distinto da medicina, que ela não deve se orientar por critérios estritamente médicos e que seu exercício não deve, em absoluto, estar restrito a médicos. Até porque, segundo o mesmo, “na maioria dos casos, a arte médica é impotente ante as sérias enfermidades do cérebro; mas também diante da afecção histérica o médico nada pode fazer” (FREUD, 2013, p. 169). Por conseguinte, a psicanálise pertence aos psicanalistas.

REFERÊNCIAS

BETTELHEIM, Bruno. Freud e a alma humana. São Paulo: Cultrix, 1984.

FREUD, Sigmund. Cinco lições de psicanálise. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (vol. 11, pp. 3-51). Rio de Janeiro: Imago, 1990.

FREUD, Sigmund. Cinco Lições de psicanálise. In *Obras completas* (1909-1910), v. 9. São Paulo: Companhia das Letras, 2013

ORSINI, Cecília Maria de Brito. Leitura de Freud: um estilo de transmissão. JORNAL de PSICANÁLISE 45 (83), 129-144. 2012, dez. 2012. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/jp/v45n83/v45n83a12.pdf>. Acesso em 27 de junho de 2021.

ROUDINESCO, Elisabeth. Dicionário de Psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.